



ARCANUM

**SOCIEDADE FILOSÓFICA DE SIMBOLISMO E ESOTERISMO
COLLEGIUM AD SPIRITUM SANCTUM**

Home page: www.sociedadefilosofica.com.br

E-mail: socfil@ism.com.br

EDIÇÃO ESPECIAL 2021



“A menos que o Senhor construa a casa, em
vão trabalham aqueles que a edificam.”

“Tua Palavra é como uma lâmpada junto aos meus
pés, e como uma luz no meu caminho.”

Ano XLI - EDIÇÃO ESPECIAL

643° Anno Ordinis

“O Arcanum” é uma publicação da **Sociedade Filosófica de Simbolismo e Esoterismo**, destinada a todos os seus **Membros, e simpatizantes**, com o objetivo de informá-los sobre os acontecimentos mais relevantes da **Sociedade Filosófica** e apresentar artigos consoantes os **Princípios Esotéricos**.

Objetivo da Sociedade Filosófica:

A **Sociedade Filosófica de Simbolismo e Esoterismo** é uma organização **Iniciática, Fraternal e Cultural**, composta por pessoas que, através de um estudo **Hermético-Cabalístico**, se dedicam à investigação e aplicação prática dos **Princípios e Leis Universais** perpetuados pela **Tradição Esotérica**.

A **Sociedade Filosófica de Simbolismo e Esoterismo**, além de fornecer aos seus **Membros**, um estudo completo sobre vários assuntos pertinentes ao **Esoterismo** (**Alquimia, Hermetismo, Cabala, Tarot, Simbolismo Antigo, Simbolismo nas Escrituras Sagradas**, etc...), ensina as **técnicas e práticas Cabalísticas** que visam o desabrochar interior e a expansão da **Consciência do Eu**, colocando o **Buscador** em harmonia com as **Forças Criativas e Construtivas do Universo**.

Edição:

A **Revista O Arcanum** foi compilada, redigida e revisada na **Sociedade Filosófica de Simbolismo e Esoterismo**.

Data de encerramento: 26/05/2021

Expediente

Colaboração:

Todo **Membro da Sociedade Filosófica** pode colaborar com a **Revista O Arcanum**, independentemente do **Estágio** ou **Grau** em que se encontre na **SFSE**.

Os artigos elaborados devem ser encaminhados aos cuidados da **Comissão da Revista** acompanhados da respectiva autorização de publicação assinada pelo **Membro/Autor**, por correspondência, valendo a data de postagem.

O **Membro/Autor** se responsabilizará integralmente pelos direitos autorais do artigo, devendo indicar as fontes de consulta, quando aplicável.

Os artigos só serão publicados depois de revisados e adaptados quanto ao espaço, à linguagem, e se estiver de acordo com os princípios esotéricos, sendo o **Membro/Autor**, quando necessário, consultado para dar o “de acordo” nas eventuais alterações.

Os artigos enviados não serão devolvidos e, portanto, recomendamos o envio apenas de cópias, desde que legíveis. Eventualmente, os artigos poderão ser arquivados e publicados apenas em edições futuras.

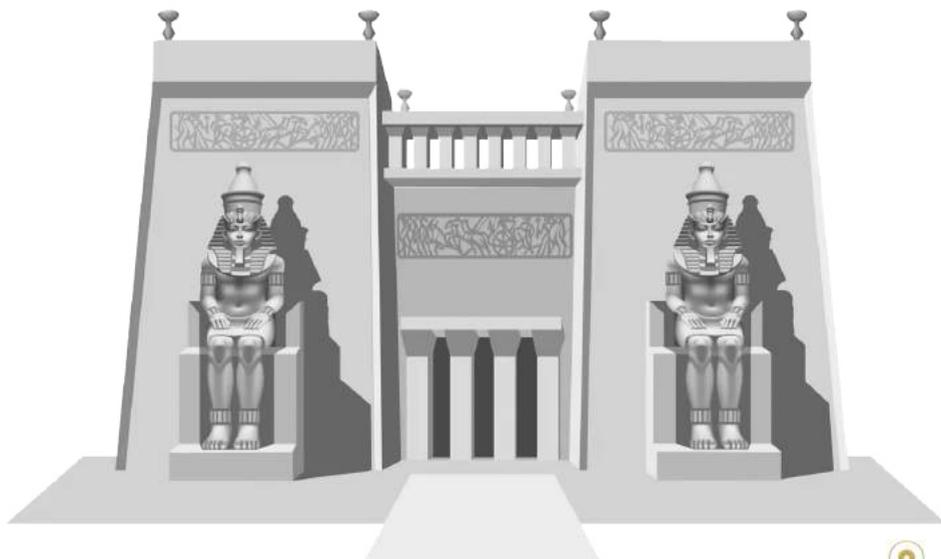
A **SFSE** se reserva o direito de não publicar os artigos que julgar incompatíveis com os **Princípios Esotéricos**.

Contamos com a colaboração de todos.

Observação: Devido a pandemia, ainda não estamos recebendo artigos.

ÍNDICE

Editorial	02
Rompendo Paradigmas	03
Diferença Entre Ler, Estudar e Pensar	05
O Relógio de Sol Egípcio	08
Símbolos Gnósticos	09
A Maçonaria e o Juramento	13
A Harpa	15
O Medo e o Conhecimento	16
O Martinismo	17
Prece de Saint-Martin	18
Para Reflexão	19
Galeria das Grandes Personalidades	20
Dos Arquivos da Sociedade Filosófica	21
Comunicados	22



Editorial

Após um longo intervalo sem publicarmos a nossa revista *O Arcanum*, é com imensa alegria que prefacio esta Edição Especial, marcando o retorno da nossa revista que passará a ser publicada, a princípio, semestralmente e, posteriormente, quadrimestralmente.

Durante estes anos de ausência de nossa revista, recebemos muitas cartas e e-mails perguntando quando voltaríamos a publicá-la. Acreditem-me, ninguém mais do que nossa equipe responsável pela revista, queria fazê-lo. Mas, infelizmente, nem tudo é como desejamos, e foi necessário suspender temporariamente a revista por um tempo maior que o previsto. Contudo, agora estamos retornando e com reforço, uma vez que o A.:P.:R.:O.:M.:M.: e a O::M::T:: irão também compor a equipe e enriquecerão nossa revista com artigos pertinentes às suas Ordens.

Algumas modificações em nossa revista já poderão ser vistas nesta edição, mas as modificações mais importantes serão percebidas na próxima edição quando ela passará a ter um número maior de páginas e com seções adicionais para os artigos do Rito Maçônico de Memphis-Misraïm (A.:P.:R.:O.:M.:M.:) e da Ordem Martinista Templária (O::M::T::). A revista *O Arcanum* passará a ter três seções, denominadas de Seções Amarela, Azul e Vermelha, correspondentes a Sociedade Filosófica e as Ordens Maçônica e Martinista.

Temos certeza que os artigos desta edição, assim como das edições futuras, trarão uma grande contribuição, e serão um excelente complemento, para o estudo que desenvolvemos na Sociedade Filosófica e nas Ordens Maçônica e Martinista.

Esperamos que todos apreciem a leitura, e, para aqueles que não são membros da Sociedade Filosófica, desejamos que a leitura desta revista seja um marco nas suas vidas na busca daquele algo inefável que todos nós, consciente ou inconscientemente, buscamos!

Fraternalmente,

M. W. Rodrigues
Editor



Mensagem do Soberano Grão-Mestre

▲ ROMPENDO PARADIGMAS ▲

Amados Irmãos e Irmãs: Saudações Fraternais!

Tenho visto, em nossa sociedade, uma quantidade enorme de barreiras de consciência que as pessoas se impõem e teimam em não perceber ou tentar superar. Os membros de Escolas Iniciáticas, como a **Sociedade Filosófica**, devem ter sua mente aberta a novas ideias, mesmo que lhes pareçam estranhas ou sejam contrárias às suas, pois este é um meio extremamente eficiente de se adquirir maior compreensão e consciência do que nos cerca.

Fico impressionado com a resistência que algumas pessoas, mesmo as mais esclarecidas, tem em quebrar e superar seus paradigmas, a fim de atingir um nível de compreensão mais amplo das verdades que os cercam. Lá há algum tempo, um pequeno texto sobre uma experiência que exemplifica muito bem o que estou querendo dizer.

Um grupo de cientistas colocou cinco chimpanzés em uma jaula, em cujo centro colocaram uma escada e, sobre ela, um monte de bananas. Quando um chimpanzé subia a escada para pegar uma banana, os cientistas lançavam um jato de água fria sobre os que ficaram no solo. Depois de algum

tempo, quando um chimpanzé ia subir a escada, os demais o agarravam a tapas. Passado mais algum tempo, nenhum chimpanzé subia a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os investigadores substituíram um dos chimpanzés. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, sendo rapidamente barrado pelos demais, que o seguraram. Depois de alguns tapas, o novo integrante do grupo já não subia mais a escada.

Um segundo chimpanzé foi substituído, e ocorreu o mesmo. O primeiro substituto participou com entusiasmo dando tapas no novato. Um terceiro foi trocado, e tudo se repetiu como antes. O quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído.

Os investigadores estavam, então, com um grupo de cinco novos chimpanzés, que nunca tinham recebido um jato de água fria, mas que continuaram golpeando aquele que tentasse chegar às bananas.

Se fosse possível perguntar a alguns deles porque batiam em quem tentasse subir as escadas, com certeza a resposta



seria: “Não sei, as coisas sempre foram feitas assim por aqui.” Percebe? Lembra do que lhe foi dito em nossas lições sobre deixar de lado os preconcebimentos?

A **Sociedade Filosófica** é uma Escola iniciática que possui pureza, a pureza da Antiga Tradição, que não foi deturpada ou adaptada aos interesses pessoais de uma ou outra pessoa, nem miscigenada com o simbolismo mal interpretado de outras organizações.

Não há na **Sociedade Filosófica**, nenhum jato d'água naqueles que querem ficar onde estão, nem tapas naqueles que querem ir mais longe e subir as escadas. Para que se possa usufruir o melhor que ela pode oferecer em seus ensinamentos, cada um deve se comportar como um verdadeiro iniciado, como um buscador incansável das verdades primordiais.

Aqueles, porém, que queiram manter-se em seu pedestal, achando que já conhecem tudo e não tem mais nada a aprender, que acreditam não precisar de mais conhecimento e que se sentem superior aos demais, construiu uma barreira invisível ao redor de si mesmo, como os chimpanzés fizeram com as

bananas, fechando-se à evolução, trancando-se em sua prepotência e em sua própria arrogância, sem nem mesmo, provavelmente, ter consciência disso.

A arrogância e a prepotência são males que podem ser encontrados em qualquer pessoa, em qualquer lugar, porém não devem ser ignoradas, mas tratadas com o mais poderoso remédio, a **humildade**, uma das mais nobres virtudes que todo iniciado deve possuir.

Como iniciados, devemos procurar melhorar a cada dia, tendo consciência de que somos seres imperfeitos em busca da perfeição, tendo ainda a consciência plena, de que o curto espaço de uma vida, pode ser muito pouco para atingirmos tão nobre objetivo.

Assim, deixemos de lado a arrogância, a prepotência, o preconceito, e tudo o mais que possa atrapalhar o nosso caminho evolutivo e sua convivência com seus semelhantes.

Abra sua mente, seja humilde, dedicado e persistente, pois só assim é possível realmente ser um **verdadeiro iniciado**.

Que a mais Sacrossanta Paz esteja com todos!
Nos Sagrados Laços da Tradição,
SÂR ABIEGNUS – SOBERANO GRÃO-MESTRE



DIFERENÇA ENTRE LER, ESTUDAR E PENSAR

por Sâr Justitia

Estes três termos estão normalmente associados num só grupo. Naturalmente, até certo ponto estão relacionados entre si; todavia, não são sinônimos. Há entre eles uma diferença importante. Esta diferença evidencia-se particularmente em alguns dos seus efeitos. Nem todo mundo que lê é um estudante. Do mesmo modo, quando alguém está estudando, não está necessariamente pensando, no sentido restrito desta palavra.

A leitura é o recurso básico pelo qual a inteligência, ou ideias, são comunicadas pela palavra escrita. Podemos estudar e, com toda certeza, podemos pensar, sem ler. Por exemplo, podemos estudar um terreno, analisando-o, sem recorrer a qualquer informação escrita. Podemos também pensar num plano de que desejamos participar, sem nos referirmos a qualquer literatura.

A primeira distinção importante deve ser feita entre ler e estudar. Podemos ler para nos distrair, ou para adquirir um conhecimento superficial de certos eventos, como, por exemplo, quando damos uma olhada no jornal. Neste tipo de leitura, não há motivação considerável. Não há intenção de reter



na memória as ideias que nos são transmitidas pela palavra impressa. Também não há intenção de alcançar uma compreensão perfeita de cada palavra lida.

Na leitura superficial, o significado de uma palavra pode se registrar imediatamente por sua familiaridade, devido ao nosso repetido contato com ela. Entretanto, se ela não é compreendida de imediato, damos-nos geralmente ao hábito de “passar por cima”, na suposição de que palavras ou frases subsequentes venham transmitir qualquer significado necessário. Poucos leitores superficiais interrompem a leitura numa palavra desconhecida e recorrem a um dicionário para determinar seu significado, embora esta prática de nos familiarizarmos completamente com palavras desconhecidas seja um excelente meio de aumentarmos nosso vocabulário.

Na leitura superficial, como a de um jornal, as ideias que se imprimem na memória são principalmente aquelas que causam algum impacto emocional no leitor, ou correspondam a algum interesse pessoal. Não há preocupação alguma quanto ao fato de que, alguns dias, ou mesmo algumas horas mais



tarde, o teor daquilo que se leu possa estar esquecido.

O propósito do estudo é bem diferente. O método de estudo pode requerer a leitura de tratados, monografias, ou discursos especiais. O estudante deseja extrair desse material tudo aquilo que possa reter na memória. Em primeiro lugar, ele só estuda ou se interessa por aquilo que acredita venha a ter para si mais do que um valor temporário. Não nos empenhamos num estudo visual na expectativa de esquecer seu teor em poucas horas ou um dia após.

Portanto, o objetivo de se entrar em contato com material de estudo escrito é o de alcançar a compreensão, se possível, de todo o seu conteúdo. Com isto em mente, o estudante não passará por cima de quaisquer palavras, frases, ou parágrafos, sem procurar compreendê-los. À medida que lê, tenta estar consciente do registro da matéria. Em outras palavras, deseja estar consciente de que sabe aquilo que leu. Quer sentir que aquilo que lê é suficientemente impresso na memória para que ele o possa lembrar.

Consequentemente, ao estudar, o estudante, ao contrário do leitor superficial, testa a si mesmo. Periodicamente, à medida que lê, faz uma pausa para se testar, perguntando-se: “O que li?” Se não consegue então resumir as ideias, naturalmente, não nas palavras exatas, fica sabendo que sua

leitura não foi feita com a devida concentração. Então, se ele é consciencioso, relê aquela parte que não conseguiu lembrar. Existem outros meios pelos quais o estudante pode verificar se aprendeu com a leitura efetuada.

Além disto, ao estudar, o estudante não permite que suas preferências influenciem sua leitura, como o faz o leitor superficial. As partes do estudo que sejam algo mais complexas ou enfadonhas de se persistir, recebem a mesma atenção das partes mais fáceis. O estudante compreende que a continuidade da informação contida em seu material de estudo é importante. Nenhuma parte pode ser desprezada, como no caso da leitura superficial, sem que isto resulte na perda de conhecimento necessário.

Muitas pessoas não mais tentaram um programa de estudo de matéria escrita, desde que deixaram a escola. Desde então, leram apenas revistas populares, de ficção, e jornais. Quando se decidem afinal a fazer algum estudo, verificam que lhes falta marcadamente o hábito de estudar.

O estudo pode se tornar um prazer, e o é, para o verdadeiro estudante; porém, implica também em trabalho. Este trabalho consiste em que o estudo requer maior concentração do que a leitura superficial, além de um certo grau de memorização e teste pessoal. O estudo deve também ser completo. Ao



estudar, não podemos escolher apenas aquilo que desejamos ler. Precisamos unir aquilo que nos atraia imediatamente com aquilo que não o faça. Ler tão-somente aquilo que já sabemos e compreendemos não é estudar, no sentido da verdadeira aprendizagem, porque isto não passa de repetição e nada acrescenta ao nosso acervo de conhecimento.

O esoterismo, por exemplo, não é um assunto único, isolado. Abrange muitos assuntos no campo da filosofia, da metafísica, das ciências, das artes, da história, da psicologia e do misticismo. O estudante que procura extrair dos ensinamentos, por exemplo, apenas aquilo que se relaciona com a terapêutica, como o sistema de cura esotérica, porque isto o atrai, está falhando em compreender todo o propósito do esoterismo. Não está ampliando seu conhecimento e desenvolvimento globais. Está demonstrando preferência por um único assunto. Em seu próprio prejuízo, está desprezando todos os outros valores do estudo esotérico.

A questão de pensar, do pensamento, é uma questão psicológica e está relacionada com aquilo que é tecnicamente denominado epistemologia. Esta trata da natureza do conhecimento. O verdadeiro estudante, seja de advocacia, medicina, filosofia, ou misticismo, por exemplo, tem de pensar. Pensar é alcançar cognição, ou, simplesmente, conhecer. Genericamente

falando, o conhecimento é adquirido por dois processos: a percepção e a concepção. Ordinariamente, a percepção relaciona-se com aquilo que é registrado através dos cinco sentidos periféricos, visão, audição, etc. A concepção, ao contrário, é subjetiva; isto é, consiste das funções de ideação e raciocínio. Ambas, a percepção e a concepção, constituem estados de percepção da realidade. As ideias são formadas diretamente pelos processos mentais, no caso da concepção, ou com a ajuda das imagens sensoriais recebidas pela percepção.

Quando, entretanto, dizemos que uma pessoa está pensando, não queremos dizer que ela está apenas tendo uma experiência sensorial de natureza visual ou auditiva. Por exemplo, se olhamos pela janela e vemos um carro passar, sabemos que se trata de um carro. Isto é para nós uma questão de conhecimento. Chegamos a essa ideia pelas impressões visuais e pela associação resultante de lembrarmos a identidade originalmente atribuída àquela experiência, ou seja, quando vimos um carro pela primeira vez e aprendemos o que ele era. Em outras palavras, conhecemos tudo aquilo que percebemos, porém, isto não implica em pensamento volitivo.

O pensamento volitivo é concepção. Trata-se de voluntariamente recordar, analisar e combinar ideias. Mais sucintamente, consiste da integração dos processos mentais de memória,



raciocínio e imaginação. O verdadeiro estudante pensa de conformidade com este significado conceitual. Ele reflete sobre aquilo que lê, faz comparações mentais com outras ideias que formou e as aprecia quanto ao seu efeito sobre ele próprio e sua utilidade, procura expandir o conhecimento que essas ideias proporcionam para um lugar e um momento futuros, como, por exemplo, no processo de planejamento.

O pensador é capaz de tomar uma ideia isolada e, pelo pensamento, procurar examiná-la minuciosamente, daí extraindo uma compreensão pessoal. Por exemplo, pode ter lido um assunto cujo teor seja considerado verdadeiro. Como estudante, é então levado a perguntar: Qual é a prova da verdade? De que consiste a verdade? Haverá um critério pelo qual a verdade a respeito de alguma coisa possa ser demonstrada? Isto é pensar, e é diferente de ler, ou estudar.



Curiosidades



O RELÓGIO DE SOL EGIPCIO

Os antigos egípcios foram os inventores do relógio mais antigo do mundo: o relógio de sol. Devido ao fato de o Egito ser um país ensolarado, o relógio de sol se tornou um método popular de medição do tempo. Para que ele funcione adequadamente, é muito importante que a sua haste transversal esteja de frente para o leste de forma que sua sombra se projete sobre um longo braço com a marcação das horas de 1 a 6.

Uma vez estando na posição correta, no início da manhã, ao nascer do sol, a sombra da haste é projetada sobre o longo braço no local marcado como 1ª hora, das seis horas que antecedem o meio-dia. Assim que a sombra da haste se projeta sobre o longo braço, marcando o meio-dia, o instrumento deve ser virado de frente para o oeste, permitindo que as horas sejam marcadas até o pôr do sol.

O mais antigo desses relógios tem 3.400 anos de idade e leva o nome de Thutmose III. É interessante notar que quase mil anos depois, os gregos começaram a usar o mesmo tipo de relógio.

Os antigos egípcios desenvolveram ainda outro método de medição do tempo, com base no tempo que a água levava para fluir de um pequeno orifício no fundo de um recipiente. O recipiente era enchido, e, por um pequeno orifício, era deixado que a água escapasse gradualmente. A medida que a água caía, as horas eram lidas em uma escala que era colocada na parede interna do recipiente.

Este relógio de água era geralmente construído na forma de um macaco sentado ou cinocéfal, um animal importante na simbologia do deus Thoth, considerado pelos egípcios como sendo o medidor do tempo dos deuses e dos homens.



Símbolos Gnósticos

“Em sua origem, o símbolo é um sinal hermético que marca a relação que existe entre o que está “em cima” e o que está “embaixo”. É o encontro entre dois mundos: o superior e o inferior, o plano exterior e o plano interior, o consciente e o inconsciente, a ideia e a aparência. Os antigos símbolos religiosos referiam-se à verdade e à senda que leva a ela.”

Graças aos símbolos, podemos vivenciar conscientemente certas limitações e até mesmo ultrapassá-las, eventualmente. É por esta razão que eles são utilizados em todos os setores da vida: religioso, científico, artístico. São meios empregados com a finalidade de fazer com que os seres humanos tomem consciência de seus limites. E, se eles conhecem estes limites, então os símbolos podem ajudá-los a ultrapassá-los. “Assim como é em cima, é embaixo”: as estruturas que estão “embaixo” correspondem às que estão “em cima”, e daí resulta que o que está embaixo pode simbolizar o que está em cima.

A palavra “símbolo” vem do antigo verbo grego *symballein*, que quer dizer “reaproximar”; portanto, um símbolo é a representação de um conceito ou de um processo ao qual a estrutura do símbolo se assemelha, por assim dizer. O conceito de símbolo era utilizado, entre outros, para indicar que duas metades de um anel ou de uma tábua, que haviam sido quebrados de propósi-

to, agora estavam novamente reunidas. Mostrando esta metade, amigos, esposos, crianças, provavam que eram bastante ligados ou aparentados.

Este significado da palavra símbolo, união de dois elementos separados e, entretanto, aparentados, indica muito bem a reaproximação de duas coisas em um mesmo plano. É daí que vem o significado atual da palavra símbolo: assim, um símbolo indica que uma coisa inferior pode expressar uma coisa superior. Daí para a frente, o símbolo ultrapassa uma fronteira, tornando-a possível de ser reconhecida conscientemente.

Neste sentido, uma alegoria não é um símbolo, mas uma representação simbólica ou figurativa. Um conceito como “a justiça” é representado alegoricamente por uma mulher com os olhos vendados, segurando uma balança; ou pela “morte”, armada de uma foice. Nestes casos, servimo-nos de elementos de um todo que não são da mesma natureza, mas que exprimem a mesma ideia de diferentes maneiras. A alegoria não sugere a ideia de um limite decisivo que pode ser atingido e até mesmo ultrapassado.

O significado de mundos ocultos por detrás dos símbolos depende do plano sobre o qual entramos em contato. Por exemplo, na zona fronteira entre o consciente e o subconsciente, ou entre o mundo da matéria e seu reflexo etérico no além, ou entre a natureza inferior e a



natureza superior. Na primeira zona, trata-se de representações psicológicas que vêm do inconsciente e que estão em relação com a parte inconsciente e desconhecida da alma. São expressões de experiências interiores que podem ser percebidas pelos sentidos. Em psicologia, as profundezas deste tipo de símbolos constituem os elos ativos entre as forças inconsciente da psique e a consciência. Os complexos individuais, assim como os coletivos, podem desempenhar um papel simbólico nas palavras, nas ações e nos sonhos.

Quanto a este ponto, os símbolos geralmente são considerados como instrumentos de compreensão do ser interior, assim como do mundo que o cerca. Forças da região astral inconsciente fazem nascer, em sonho, imagens que às vezes podemos reviver conscientemente depois de acordados. É possível que elas revelem em que “situação limite” nos encontramos, que mostrem a causa da pressão e a crise que ameaça. Seguindo este caminho é possível que a tensão psicológica diminua e possamos receber indicações para um desenvolvimento mais equilibrado da personalidade. Mas isto também acarreta alguns perigos que não poderíamos enfrentar. Por exemplo, a projeção de um sentimento de culpa consciente sobre uma outra pessoa, que vai assim suportar o peso do erro que a pessoa culpada não quer tomar sobre si.

Neste caso, surge o grande perigo que ameaça quando um símbolo é considerado a própria realidade. É um perigo inevitável quando estamos

vivenciando o limite, sobretudo quando nos aproximamos da fronteira entre o consciente e o inconsciente, o mundo da matéria e o mundo dos mortos, a natureza mortal e a natureza imortal.

Carl Gustav Jung deplora esta situação perigosa: “Desde o momento em que nossos símbolos mais sublimes foram embaciados, há uma vida desconhecida e secreta no inconsciente do homem. É por esta razão que a psicologia existe em nossos dias, e que falamos a respeito do inconsciente. Se estes símbolos tivessem permanecido dinâmicos e ativos, isto não seria necessário, pois estes símbolos nascem do espírito que vem de cima”.

Qual é o significado, ainda em nossa época, destes símbolos sublimes sobre os quais fala Jung, uma vez que eles já não indicam claramente o “sublime” que ficou em segundo plano, isto é, Deus, a Gnosis?

Enquanto fatos e situações concretas podem ser explicados com toda a exatidão por conceitos e definições, a superabundância e a profundidade infinita da realidade divina pluridimensional são expressas por símbolos.

Além disso, o homem terrestre tem a possibilidade de aproximar-se do mundo que está por trás de tudo. Estes símbolos somente podem representar a existência de uma realidade estranha à consciência humana comum, e, portanto, inacessível.

Assim, o símbolo cria um laço entre



Deus e a personalidade, graças ao qual podemos elevar-nos acima de nossas próprias limitações. O símbolo evoca a força potencial irredutível que encerra o divino, mas que jamais se expressa na matéria. Graças a esta ligação com o divino, a simbologia gnóstica transcende este mundo perecível, mesmo que este mundo possa ainda comportar aspectos válidos, bons e verdadeiros. Por exemplo: uma pedra talhada se esfacela, mas Cristo, a pedra angular simbólica sobre a qual o santo microcosmo se edifica, é inalterável.

Como os símbolos gnósticos puros chegam até este mundo? Seriam um produto da fantasia humana? Ou seriam revelações divinas, ilustrações de princípios e processos da inviolável criação original?

Esta questão provocou discussões veementes e muitas guerras no decorrer da história da humanidade e ainda continua bastante atual. Conforme o que já foi citado, podemos concluir que a simbologia gnóstica pura provém de revelações da Gnosis e que qualquer outra simbologia é um produto da consciência humana. Os símbolos mais antigos provém da fonte universal de sabedoria, e estão sintonizados com o núcleo latente da sabedoria que está presente no coração humano. Eles se elevam acima de toda a explicação egocêntrica e psicológica. A frase: “O Reino do Céu está dentro de vós” expressa que “Céu” ou “Deus” não são ficções psicológicas, mas sim que a porta de acesso à realidade divina se encontra no próprio centro do ser

humano. É exatamente pela ligação que existe entre a realidade divina e o centro divino no homem que se manifestam todas as revelações e todos os símbolos gnósticos no mundo mortal. É esta ligação que designam as palavras de Cristo: “O Pai e eu somos um”.

Assim a divindade responde ao espírito, o espírito à inteligência, a inteligência à vontade, a vontade à representação, a representação ao poder de percepção, o poder de percepção ao sentido e enfim o sentido ao objeto. Pois tal é a relação e a ligação recíproca pela qual todas as coisas do alto enviam raios através de todas as coisas de baixo, sem descontinuidade, até a última.

Este texto é uma citação de uma obra alquímica do século XVII que mostra claramente que os símbolos gnósticos têm diferentes funções:

- revelação da natureza superior na natureza inferior;
- o apelo ao retorno à realidade divina;
- a resposta do homem a este convite, a realização progressiva de todos os seus esforços para estudar a manifestação e a imagem que ele faz dela.

É por isso que muitos símbolos e representações simbólicas dão testemunho do amor divino, da busca do homem por Deus e da busca de Deus pelo homem.

Portanto, um símbolo gnóstico não é tanto um símbolo da Verdade ou uma informação que diz respeito a esta Verdade, mas sim uma porta entre o



tempo e a eternidade, entre a origem e o fim. Um símbolo como este não ultrapassa o limite em si; é o homem mesmo que deve ultrapassar este limite, rumo à realidade que se acha por detrás dele. Todo o símbolo universal irradiado conscientemente pelos servidores na vinha de Deus no mundo mortal sob forma de palavras e imagens, e principalmente pelo exemplo de sua própria vida, é um chamado para voltar.

Este símbolo não é somente uma mensagem espiritual ligada à vida divina, mas também a força que desce do campo de vida original. Assim, a humanidade recebe auxílio para descobrir a verdade manifesta, compreendê-la e transformá-la em uma realidade vivente. Os símbolos gnósticos são, portanto, passarelas entre a verdade relativa ao homem e a verdade imperecível de Cristo. Paulo escreve (Epístola aos Colossenses 1: 15, 17, 19, 20): “O qual é a imagem do Deus invisível,... nele, todas as coisas foram criadas... porque foi do agrado do Pai que toda plenitude nele habitasse... tanto as que estão na terra como as que estão nos céus”.

“O Verbo (a Palavra) se fez carne. Em Cristo, o homem é novamente um instrumento do mundo divino. Cristo derrubou o muro de separação entre os dois. Entre o homem terrestre e o homem divino” (Efésios, 2, 14).

Como os símbolos gnósticos possuem um alto nível, é compreensível que Carl Gustav Jung tenha deplorado o fato de que nossa época tenha-se tornado tão pouca receptiva a eles.

Quanto mais o ser humano se deixa aprisionar pela corrente técnico-econômica da atualidade, mais vai perdendo a consciência de seu espaço interior. Ele julga os símbolos a partir de critérios exteriores, como uma criança que estende a mão em direção à lua, porque não tem consciência da distância. Mas, se compreendermos que tudo o que manifesta um símbolo gnóstico diz respeito diretamente a nosso mais profundo ser interior, então surge uma outra relação com o mundo original. A vida muda de direção: ela torna o ser humano consciente de tudo o que sua existência tem de infinito e o leva ao autoconhecimento; portanto, logicamente, a atos que estão em concordância, e a um comportamento resolutamente direcionado a partir de sua vida interior.

Então, este homem torna-se consciente da existência de Deus dentro de si, e que este “Outro” dentro dele somente ressuscita pela morte de seu eu. Quem não aproveita as possibilidades oferecidas pelo símbolo gnóstico na senda da realização, não faz frutificar os talentos que ele possui e os enfraquece. Neste caso, falta a inspiração e a coragem que este símbolo sublime irradia no coração daquele que se encontra realmente na senda, rumo a Deus.

Os símbolos gnósticos geralmente são como que um espelho embaçado, para nossa consciência terrestre. Entretanto, eles nos são ofertados para que possamos cumprir nosso verdadeiro destino: voltar a Deus.

- SDT





A Maçonaria e o Juramento

Artigo enviado pelo Antigo e Primitivo Rito Oriental de Memphis-Misraim - A.:P.:R.:O.:M.:M.:

O juramento é um dos atos mais solene da cerimônia de iniciação Maçônica, porque impõe, ao recipiendário, laços e obrigações para toda a vida. A fórmula do juramento compreende os deveres para com a Ordem em geral e todos os seus membros, para com a Potência Maçônica e todas as suas autoridades. O juramento é também observado com os mesmos requisitos nas filiações, regularizações e passagens de Graus.

O juramento Maçônico sempre foi o maior alvo dos ataques contra a Maçonaria. Afirmava-se, principalmente os que desconhecem a filosofia Maçônica e, portanto, por ignorância, que o juramento era prestado “em ambiente de ameaça e terror”, visando proteger os segredos da instituição. Muita fantasia, de causar inveja aos receptores do romance-folhetim, foi maliciosamente espalhada. Chegou-se mesmo a querer fazer acreditar que o juramento prestado pelo Maçom era um pacto com o diabo. Felizmente, são tempos passados, sementes da Inquisição, aos quais o Concílio Vaticano II colocou um ponto final.

O juramento Maçônico não é um juramento vulgar como os que são feitos no mundo profano; é algo antigo e sagrado, que é pronunciado sem violência. Suas expressões são

enérgicas, porque aquele que o presta está a ponto de passar da barbárie à civilização.

O Maçom presta juramento em todos os Graus a que é admitido, porém o mais importante é aquele que presta solenemente quando admitido ao Grau de Aprendiz, no momento em que profano torna-se Maçom.

Do ponto de vista geral, o juramento é encontrado em todas as sociedades humanas. É uma afirmação particular, uma promessa solene, e deveria sempre comportar três partes: uma invocação, uma promessa e uma imprecisão. A invocação faz apelo, na maior parte das vezes, à divindade como garantia do juramento. A promessa é o próprio objeto do juramento. Enuncia-se, da maneira mais clara possível, o que se pretende cumprir. Enfim, a imprecisão enumera os castigos aos quais consente-se em ser submetido se não cumprir a promessa feita. O juramento obriga aquele que o presta, ou escreve, de maneira definitiva, sendo impossível voltar atrás sem ser perjuro sobre a obrigação assim contraída.

Historicamente, desde a origem das sociedades humanas, o homem sentiu a necessidade de procurar fora de si mesmo um testemunho de sua própria consciência. A experiência de suas fraquezas pessoais, a vista das



debilidades dos outros, tinham-lhe ensinado a colocar-se em guarda contra a palavra humana, transformada em instrumento de erro e de mentira. Formulou-se, então, de modo natural e lógico, o juramento, isto é, este modo particular e solene de afirmação ou de promessa que comunica à palavra um caráter sagrado, uma virtude sobre-humana.

Os antigos atribuíam ao juramento um força incomparável, capaz de ligar à divindade tanto quanto aos homens. Assim, para Pitágoras, o Universo era o produto misterioso do juramento que Deus teria feito a si mesmo de tirar os seres do nada. E se, das tradições, passarmos à narração do Gênesis, veremos o próprio Deus dar o exemplo do juramento, ao jurar multiplicar ao infinito, como as estrelas do firmamento, a posteridade do seu servidor Abraão (Gênesis, 22:16).

Na ordem política, na vida profissional, assim como na vida religiosa, em toda parte o juramento aparece como sendo um laço enérgico de todos os contratos, o cimento que agrega de modo durável as instituições. Enfim, não há ninguém que não seja suscetível de ser chamado um dia perante os tribunais a fim de cooperar na obra da Justiça, e prestar à sociedade o serviço que pede à nossa consciência: promover a punição do culpado ou, ao

contrário, preparar a absolvição do inocente.

O juramento está assim definido: o ato pelo qual tomamos a Deus por testemunha da verdade da nossa afirmação ou da sinceridade da nossa promessa. Ato misto, ao mesmo tempo religioso e civil. Religioso, por sua origem e seu caráter, como indica claramente a sua etimologia (serment-sacramentum: coisa sagrada); ato civil, pelo lugar importante que ocupa nas legislações.

O juramento Maçônico existiu desde os tempos da Maçonaria Operativa, quando os Maçons operativos prestavam seus juramentos, sobre a Bíblia, de que cumpririam o seu ofício “bem e lealmente”.

Quando um operário queria estabelecer-se como mestre de uma oficina, depois de passar por todas as formalidades exigidas pelo ofício e pelo Rei, devia ainda prestar, diante do preboste, o juramento de realizar “boa obra e leal”.

Na Inglaterra, de acordo com os registros da construção do Mosteiro de York de 1352, o Maçom devia “jurar sobre a Bíblia que deverá sincera e ativamente trabalhar segundo o seu poder, sem fraude ou dissimulação qualquer, e manter e observar todos os



∴ RITO MAÇÔNICO DE MEMPHIS-MISRAÏM ∴



AFILIAÇÃO: Todo Membro ativo da Soc:: Fil:: de Simb:: e Esot::, que tenha atingido o **Manuscrito nº 02 da Segunda Câmara**, pode solicitar sua afiliação ao **Antigo e Primitivo Rito Oriental de Memphis-Misraïm**.



pontos da precitada Lei”.

O juramento sobre a Bíblia, que protegia os interesses dos religiosos responsáveis pelos Mosteiros, relativamente à honestidade do trabalho dos operários, tinha a sua contrapartida no juramento prestado pelos Maçons que prometiam, em presença de Deus Todo Poderoso não revelar “direta ou indiretamente” nenhum dos segredos, dos privilégios ou das deliberações tomadas dentro da Fraternidade Maçõ-

nica, dos quais poderia ter conhecimento por comunicação ou que poderia vir a conhecer depois.

O juramento era prestado ainda, em seguida, para conservar o segredo dos sinais, toques e palavras que permitia, àqueles que o conheciam, conseguir trabalho, abrigo em suas viagens, hospitalidade da mesa ou auxílio em caso de necessidade. Foi este o segredo, zelosamente guardado, que atraiu os ataques antimaçônicos durante quase dois séculos e meio.



Você sabia que...

A HARPA



Os antigos egípcios foram os inventores da harpa, e sabe-se que ela estava em uso desde os primeiros tempos. Vemos nas paredes dos túmulos da Quarta Dinastia uma grande variedade de harpas. O instrumento é retratado como sendo tocado sozinho ou com outros instrumentos, e também como acompanhamento da voz humana. Havia uma variedade de formas. Algumas eram em forma de arco pequeno, e eram carregadas no ombro; outras, de tamanho médio, eram tocadas pelo músico sentado no solo sobre os calcanhares.

As harpas grandes eram tão altas quanto um homem e eram elaboradamente decoradas. As harpas grandes eram tocadas pelo músico estando de pé. Essas harpas grandes eram apoiadas no chão ou eram sustentadas por uma espécie de suporte.

O número de cordas nas harpas variava de quatro a vinte e duas. Muito pouco se sabe sobre seus sistemas de notação musical, mas o número de cordas indica um conhecimento avançado de intervalos musicais.

As músicas, consideradas de alto padrão, eram ensinadas e executadas pelos sacerdotes, e eram usadas para propósitos religiosos. Já a música popular, amada pelo povo em suas festas, era apresentada por músicos profissionais e dançarinos que participavam do entretenimento.



O Medo e o Conhecimento

Artigo enviado pelo Ir.: MTUS

O medo é uma das mais poderosas forças do mundo. Muitas pessoas perdem a vida, os bens, a dignidade e, às vezes, a sanidade, em sua tentativa de combatê-lo; e ironicamente aquilo que temem, em sua realidade última tem quase sempre muito pouco poder. Melhor dizendo, as coisas que mais tememos raramente são aquelas a que deveríamos dedicar nossa maior consideração ou aplicar nosso esforço e energia, durante a vida.

Sendo uma força muito poderosa, o medo tem sido utilizado por muitos seres humanos para subjugar outros. Governos e sistemas sociais, sem falar em organizações religiosas, têm nele baseado toda a sua existência. Uma pessoa escravizada por esta sensação é, sem dúvida, digna de piedade. Necessita de nossa compreensão, compaixão, simpatia e ajuda, porque sob seu domínio pode até tornar-se desequilibrada. Para eliminar o medo deve o homem tornar-se capaz de superar as forças externas que o controlam. Talvez se possa dizer que o método para sua eliminação se reduz à aquisição de conhecimento e convicções. Não tememos aquilo que podemos compreender e controlar.

Qualquer acontecimento que provoque temor momentâneo poderá ser completamente controlado pelo conhecimento das circunstâncias. O

medo nos prepara para nos acautelarmos contra uma emergência e desaparecerá tão logo o conhecimento substitua a falta de conhecimento que o precedeu. Ele é gerado pelo desconhecido. Especialmente no que diz respeito ao mundo físico, o método para suprimi-lo consiste na substituição do desconhecido pelo conhecido, isto é, na aquisição de conhecimento que esclareça e elimine a persistência de entidades ou condições que teríamos necessariamente de temer.

Outro fator de supressão do medo consiste em alcançarmos convicções que nos levem a superá-lo naquilo que transcenda o mundo físico. Quando uma pessoa alcança a compreensão da realidade, de um poder Divino, e do fato de que o próprio homem é uma manifestação, um segmento, desse poder, torna-se capaz de estabelecer, por meio de uma filosofia mística, uma relação íntima com essa força. Então, suas convicções passam a ser tão firmes que o desconhecido, no mundo físico, ou no mundo não-físico, deixará de produzir medo capaz de dominar sua vida. Ele sabe que o Universo é regido por uma força inteligente e infinita, e que se cooperar com essa força tornar-se-á mais intimamente integrado à mesma, e não mais sentirá medo que possa ter poder sobre seu pensamento, e nem viverá mais sob tensão.





O Martinismo

Artigo enviado pela Ordem Martinista Templária – O:::M:::T:::

Nesta Edição Especial de “O Arcanum”, após um grande intervalo sem a mesma ser publicada, iremos explicar o que é o Martinismo. Ao contrário de outras Ordens Iniciáticas, a Ordem Martinista não é muito conhecida fora dos meios esotéricos, embora seja uma escola de iniciação real e um centro de altos estudos esotéricos de ensino superior.

Como ocorre nas escolas, seus ensinamentos são transmitidos de forma sistemática, sob a supervisão de um preceptor, que está incumbido de guiar o Homem de Desejo até que se torne um Novo Homem. A expressão “Homem” por nós aqui utilizada, assim como o foi por Louis-Claude de Saint-Martin, engloba tanto homens quanto mulheres. Na Ordem Martinista não há distinção de sexo, raça, classe social, religião ou nacionalidade. Para nós, a única coisa que importa, é a essência do ser. O Martinismo, enquanto escola, fornece as ferramentas necessárias ao desenvolvimento do indivíduo, de acordo com a própria experiência e temperamento do mesmo, respeitando os diferentes ritmos de evolução.

Porém, o Martinismo não é apenas uma escola, ele vai além, ele é uma escola de iniciação real. E o que isto significa? Significa que o integrante do Martinismo inicia um caminho com a

finalidade de se unir ao princípio. Ele capacita o indivíduo a se tornar um novo ser, é um renascer. Ele deixa de ser uma pessoa que se deixa arrastar pela torrente, pelo meio, pelo externo e se converte em uma pessoa com identidade própria, com pensamentos próprios, com capacidade para transformar e construir, passando da vida terrena para a vida espiritual.

Mas, para que isso ocorra, para que não fique apenas em especulação intelectual, esse caminho deve ser real, prático. Por isso, o Martinismo trabalha com as forças sutis da natureza e exige de seus integrantes um desejo sincero e efetivo de superação e aperfeiçoamento. O Martinista deve lutar pelo desenvolvimento integral de todo o seu ser, que o transformará em um Novo Homem ou em uma Nova Mulher.

Quanto aos nossos estudos, todos os temas nos interessam. Estudamos a cabala, o hermetismo, as religiões, filosofia, metafísica, psicologia e tudo que sirva para o aperfeiçoamento do homem e que ajude na construção de uma sociedade mais justa, sem diferenças, e uma humanidade muito melhor do que a que temos agora.



Em uma abordagem mais ampla, podemos afirmar que o esoterismo está na essência do estudo Martinista. Contudo, utilizamos o termo esoterismo no sentido de ser o estudo do que está oculto, escondido, no homem. É a busca da Pedra Filosofal que jaz oculta no homem e que foi perpetuada na máxima esotérica, VITRIOL, que é a sigla, em latim, da expressão, “Visita Interiorem Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem”, que quer dizer: Vi

sita o Interior da Terra, Retificando, encontrarás a Pedra Oculta. Filosoficamente, significa: Visita o Teu Interior, Purificando-te, Encontrarás o Teu Eu Oculto. E é essa busca interior que conduzirá o Homem de Desejo rumo ao Novo Homem que, renascido, tornar-se-á no Cavaleiro do Graal e integrará a verdadeira cavalaria, a Cavalaria Espiritual, familiar a todos aqueles já galgaram os três degraus do Templo.

PRECE DE SAINT-MARTIN

“Fonte eterna de tudo o que existe, envia a este que te busca o espírito da verdade para que o aproxime para sempre de ti. Que o fogo desse espírito consuma até o último vestígio do velho homem, e, após tê-lo consumido, faz daquela massa de cinzas um novo homem, sobre o qual tua santa mão não desdenhe verter tua santa unção... Que a vida universalmente uma transforme todo o meu ser na unidade de tua imagem, meu coração na unidade do teu amor, minha ação numa unidade de obras de justiça, e meu pensamento numa unidade de obras de luzes... Sim, Deus de minha vida, só em ti posso encontrar a existência e o sentimento de meu ser. Graças te sejam dadas, Deus de paz e de amor!



::: ORDEM MARTINISTA TEMPLÁRIA :::



AFILIAÇÃO: Todo **Membro** ativo da **Soc:: Fil::**, que tenha recebido o **Manuscrito nº 07 da Segunda Câmara**, pode solicitar sua afiliação à **Ordem Martinista Templária**.





Para Reflexão

Tudo no Universo segue um ritmo e se movimenta de forma harmoniosa. Em meio a tantas atividades que executamos diariamente, estar em harmonia, e executar em um ritmo que respeite os ciclos internos de cada um, é um grande desafio para os dias de hoje, mas é preciso.

Não devemos atropelar, e nem agredir, o nosso ritmo biológico, pois ele será sempre o nosso compasso que nos acompanhará em todas as nossas ações.

Você já prestou atenção ao seu ritmo? Já identificou como ele se manifesta?



Todas as pessoas vão enfrentar dificuldades na vida. Desde que nascemos, encontramos desafios, tais como aprender a andar, a falar, comer sozinhos, ir para escola, etc. Com o passar do tempo, os desafios aumentam e junto vão crescendo as nossas capacidades. São as dificuldades que levam as pessoas a crescerem, amadurecerem e ficarem mais fortes. Em muitos livros, nos filmes e nos esportes, vemos exemplos de enfrentamento de dificuldades frente a algum perigo, seja uma batalha ou jogo.

A vida é assim. É aceitando os desafios da vida que fortalecemos nossa vontade e aumentamos nossa determinação. À medida que vencer cada obstáculo, você se tornará mais capacitado, se sentirá mais seguro e capaz de sair vitorioso nas coisas que deseja ou precisa fazer.



Nosso pensamento é energia e influencia o que está ao nosso redor. Nosso pensamento está intimamente ligado às nossas emoções. Quando estamos bem, nossos pensamentos são positivos, contudo, o contrário também é verdadeiro, ou seja, quando estamos desarmonizados, eles se tornam negativos. Como o pensamento é uma energia vibratória, a condição dele influencia o ambiente em que estamos inseridos. É o modo como pensamos que nos leva a tomar as atitudes que temos em nossa vida. Assim, devemos pensar muito antes de dizer alguma coisa ou agir, porque, uma vez colocado em prática, nosso pensamento se transforma numa ação dinâmica que pode sair do controle e nos levar a situações em que fica muito difícil voltar atrás.



Galeria Das Grandes Personalidades

Entre os muitos personagens que dedicaram a sua vida ao estudo das doutrinas herméticas, e cujas investigações constam de muitas das suas obras, destaca-se **Cornelius Agripa**. Este singular personagem, que se distinguiu no seu tempo como médico, nasceu em Colônia no ano de 1486. Interessou-se pelas ciências ocultas desde muito jovem e quando contava apenas vinte anos já conhecia muitas das formas e práticas alquímicas. A sua erudição levou-o a exercer a medicina nas mais célebres capitais da Europa do século XV. Teve problemas com os guardiões da ortodoxia daquele tempo, e discutiu com os mais zelosos inquisidores de então não só porque as suas ideias estavam longe de ser aceites pelo poder eclesiástico, mas também porque, tendo tido ocasião para desempenhar o lugar de síndico da cidade de Metz, Agripa não sentiu embaraço em defender várias pessoas que tinham sido acusadas de praticar a magia. Foi médico pessoal de Luiza de Sabóia e durante dois anos consecutivos desempenhou o louvável labor de historiador de Margarida de Áustria. Não obstante o seu valor e a sua fama, com créditos em todos os ramos do saber, pois a sua mente permanecia aberta a todas as correntes esotéricas daquela época, foi encarcerado em Bruxelas e morreu em 18 de fevereiro de 1535, na cidade de Grenoble. Agripa destacou-se pelos seus estudos sobre a magia - quando morreu, a fama do mago estendeu-se por todos os lados - pelas suas investigações sobre o ocultismo, pelas suas ideias cabalísticas e pelo seu conhecimento da prática alquímica. Deixou escrita uma extraordinária obra intitulada “Filosofia Oculta” (De Occulta Philosophia), na qual se aprecia a influência do seu mestre Trithemius, e na qual aparecem expostos os princípios da magia primitiva e o método para transformá-la, de maneira racional, em magia natural.



∴

“Se construístes castelos no ar, não te envergonhes deles; estão onde devem estar. Agora constrói os alicerces.”

Thoreau.



Dos Arquivos da Sociedade Filosófica



Conjunção Alquímica – de Stephan Michelspacher extraída de *Cabala, Spiegel der Kunst und Natur in Achymia* (1615). A gravura ilustra as bodas alquímicas dos elementos: Conjunção, um aspecto do casamento entre céu e inferno, ou seja, a união dos contrários.



Comunicados

Lições

As lições da S::F::S::E::, A::P::R::O::M::M:: e da O::M::T::, são enviadas entre os dias 01 e 15 de cada mês. Caso não as receba até a data limite, entre em contato através dos seguintes e-mails:

- socfil@ism.com.br
- apromm@ism.com.br
- omt@ism.com.br .

Covid-19

Devido ao Covid-19, toda correspondência, seja de caráter administrativo, litúrgico ou relativo aos ensinamentos, deve ser feita por e-mail. Até que tudo se normalize, as correspondências pelos correios devem ser evitadas.

Reativação

A reativação da afiliação poderá ser feita através dos e-mails informados abaixo. No campo 'assunto' do e-mail, basta escrever 'reativação'. O secretário da Ordem que você contactou, entrará em contato o mais breve possível.

- socfil@ism.com.br
- apromm@ism.com.br
- omt@ism.com.br

Cotizações

Informamos que todos os boletos (cotizações) quitados entre o dia 01 e 31 de cada mês, são contabilizados para o mês seguinte. Boletos (cotizações) quitados após o dia 31, desde que observada a data limite, dia 05, podem, excepcionalmente, ser contabilizados para o próprio mês de pagamento. Qualquer esclarecimento que necessitar, entre em contato com o secretário.

Questionários

Questionários e práticas pertinentes aos estudos, devem ser enviados por e-mail à Comissão de Estudos. Ressaltamos a importância do envio das tarefas, a fim de que a Comissão possa fazer um acompanhamento adequado do desenvolvimento do Membro e, quando, necessário, fazer as observações que se façam necessárias.



Como se tornar um Membro da Sociedade Filosófica

Todos são bem-vindos na Sociedade Filosófica, independente de raça, sexo, religião, posição social e escolaridade. O que importa para nós é a sua sinceridade e determinação em se tornar uma pessoa melhor e ajudar na construção de um mundo mais justo e fraterno.

Se você se sentiu inclinado ingressar em nossas fileiras, queremos, nesta oportunidade, convidá-lo(a) a se unir a nós nesta jornada que o(a) capacitará a viver benefícios reais e práticos.

Para ingressar na Sociedade Filosófica, basta acessar o site da Sociedade Filosófica, cujo *link* colocamos abaixo e preencher a Proposta Para Afiliação. Assim que recebermos a sua Proposta acusaremos o recebimento da mesma. Ela será encaminhada à Comissão de Afiliação que a examinará e lhe comunicará da aprovação de sua solicitação. Isto leva normalmente não mais do que duas semanas.

Se alguém da sua casa também ficar interessado em estudar conosco, não hesite em oferecer uma cópia da revista “O Arcanum”.

COMO ENTRAR EM CONTATO CONOSCO

Se houver mais alguma coisa que queira saber, antes de solicitar sua admissão, sinta-se à vontade para entrar em contato conosco.

Sociedade Filosófica de Simbolismo e Esoterismo
Caixa Postal – 30072 - Rio de Janeiro – RJ – 21350-970
www.sociedadefilosofica.com.br
E-mail: socfil1378@gmail.com

(DEVIDO A COVID-19, TODO CONTATO DEVE SER POR E-MAIL)



“O ARCANUM” - Publicação Oficial da Sociedade Filosófica de Simbolismo e Esoterismo

Ano XLI - EDIÇÃO ESPECIAL

Caixa Postal - 30072

21350-970 - Rio de Janeiro - RJ

Brasil

Home page: www.sociedadefilosofica.com.br

E-mail: socfil@ism.com.br